

**PAIXÕES PELAS HISTÓRIAS
DAS RUAS DO RIO DE JANEIRO SOB O OLHAR
DE AURELIANO RESTIER E BRASIL GERSON**

Cristina da Conceição Silva (UNIGRANRIO/UCAM)

cristinavento24@yahoo.com.br

José Geraldo Rocha (UNIGRANRIO)

rochageraldo@hotmail.com

RESUMO

A paixão pela cidade do Rio de Janeiro levou o memorialista Aureliano Restier Gonçalves e o jornalista Brasil Gerson a se debruçarem em investigar as histórias das ruas do Rio de Janeiro, o que culminou em duas obras significativas acerca dos traçados geográficos da cidade. *Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro – Terras e Fatos*, de Aureliano Restier Gonçalves, e *Histórias das Ruas do Rio*, de Brasil Gerson, apresentam uma leitura instigante no que tange à formação das ruas da cidade carioca. Assim sendo, o artigo em pauta traz à tona uma discussão conceitual sobre algumas ruas do Rio e as situam de forma sintética acerca de suas constituições espaciais, econômicas, sociais e culturais para a cidade, de modo a reconhecer a ocupação de determinados grupos nesses espaços geográficos, que se apresentaram em alguns momentos comuns a moradores e visitantes, que chegavam à cidade carioca. Nesse contexto, o memorialista Aureliano Restier Gonçalves e o jornalista Brasil Gerson evidenciam características dessas ruas e suas importâncias para a cidade, assim como suas identidades, que são formadas através de personagens que nelas viveram, das edificações construídas e utilizações comerciais como lojas e comércio ambulante, que eram pontuais ou constantes nesses sulcos da cidade carioca.

Palavras-chave: Ruas. Rio de Janeiro. Identidades.

1. Introdução

Ao trazermos à tona aspectos que tratam sobre a abertura de algumas ruas cariocas, bem como a utilização das mesmas como espaço de socialização, entretenimento e comercial. Buscamos evidenciar os olhares do memorialista Aureliano Restier Gonçalves e do jornalista Brasil Gerson, que apresentam em suas pesquisas as identidades das ruas, que, basicamente, foram associadas a personagens que nelas viviam. Muitas vezes, essas ruas também associadas aos espaços comerciais ou, até mesmo, relacionadas às edificações e serviços oferecidos. Além disso, demonstraremos suas investigações acerca do desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro em função da formação de seletas ruas.

Ao descreverem sobre as ruas da cidade, os autores demonstram esses sulcos geográficos contextualizados com o crescimento econômico e populacional da cidade. Ademais, Aureliano Restier Gonçalves e Brasil Gerson buscam apresentar um cenário de acontecimentos, através das ruas, além de representá-las como lugares que ditam novos padrões, e como espaços de fluxos com características multifuncionais. Pois, os autores nas entre linhas, mostram as ruas como um espaço onde as pessoas passeavam, se divertiam e trabalhavam. Outrossim, as ruas, tratadas nesse artigo mostram também as divisões de classes, que se estabeleciam no contexto espacial e social, que compunham a cidade carioca.

As descrições das ruas apresentadas nesses escritos nos apresentam aspectos que apontam para os modelos de construções e costumes que foram se desenhando na cidade. De forma a marcar certas características nas organizações espaciais, que deram origem a grupos diferenciados e fizeram parte da criação das identidades das ruas cariocas. Assim sendo, mesmo com toda simplicidade que algumas ruas ofereciam aos transeuntes, elas não deixaram de marcar o cotidiano vivido entre aqueles que trabalhavam, moravam ou simplesmente passavam por esse sulco que é a alma da cidade.

Como desenvolvimento desse artigo, as duas primeiras seções versam sobre a bibliografia dos autores Aureliano Restier Gonçalves, que foi considerado um grande memorialista da cidade comparado a outros como: Vieira Fazenda, Ferreira Rosa, Mello Moraes Filho, Max Fleiuss, Luiz Edmundo, João do Rio, Noronha Santos, dado ao seu trabalho no serviço público do Rio de Janeiro como amanuense (profissional responsável por registros através de escrita manual). É Brasil Gerson que ainda muito jovem escrevia em jornais em sua cidade Joinville. Aos 17 anos de idade, veio para o Rio de Janeiro, então Capital Federal, e manteve suas atividades em jornais cariocas. O jornalista que foi exilado do Brasil no período do Estado Novo, ao voltar para o país, especificamente para o Rio de Janeiro, exerce inúmeras funções, entre elas de escritor de vários livros.

A última seção evidencia as constituições de algumas ruas do Rio de Janeiro, tendo como primícias as da Rua da Misericórdia, e as que compreendem a localização da atual Praça XV e do SAARA (Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega). Nesse contexto, os autores, em seus escritos, registraram seus conhecimentos históricos e documentais, sobre a cidade do Rio de Janeiro. Para que alguns fatos sobre as ruas não caíssem no esquecimento, essas ocorrências são registra-

das, na busca de mantê-las vivas nas memórias dos leitores de suas obras, essa é a luta pelo não esquecimento e da preservação da memória através da história.

2. O memorialista Aureliano Restier Gonçalves

Aureliano Restier Gonçalves, empenhou quinze anos na elaboração do livro *Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro – Terras e Fatos*, que se constitui na obra de um memorialista datada de 1949, foi escrita em sete cadernos; talvez por isso tenha sido concluída pelo próprio autor em outra data: 29 de outubro de 1963, foi editada nos 110 anos do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Identifica Ana Lucia Eppinghaus Bulcão (2004) que o autor assistiu ainda menino à Abolição da Escravatura, à Proclamação da República, à Revolta da Armada. Na juventude de seus vinte anos, conviveu com a Revolta da Vacina, quando começava sua atividade de extranumerário. Presenciou as transformações urbanas produzidas pela Prefeitura do Distrito Federal, como a abertura da Avenida Central, da construção da Avenida Beira Mar, a transferência do desembarque dos viajantes que aportavam na Praça Quinze para o píer da Praça Mauá, devido à construção do porto do Rio de Janeiro.

Provavelmente acompanhou a construção do aeroporto Santos Dumont na ponta do Calabouço; ao desmonte do morro do Castelo; ao nascimento da Cinelândia. Conviveu com a construção da Esplanada do Castelo, atual Avenida Presidente Antonio Carlos, com seus ministérios da Fazenda, do Trabalho, da Educação, visto que desembarcava na Praça Quinze, quando vinha de Niterói, onde morava, e, obrigatoriamente, tinha que passar pelo canteiro de obras que ficava praticamente ao lado. (BULCÃO, 2004, p. 19)

Foi contemporâneo do desaparecimento do Convento da Ajuda, que ficava na atual Cinelândia. Deve ter sido impossível ter deixado de presenciar a demolição das igrejas de São Domingos e de São Pedro dos Clérigos, assim como do Paço Municipal, onde trabalhava há mais de trinta anos, para a abertura da Avenida Presidente Vargas. Por força dos "melhoramentos" urbanos o Arquivo se mudou para o prédio de número onze da Rua Santa Luzia. Tal fato deve ter preocupado Aureliano Restier Gonçalves, visto que defendia há anos a instalação do Arquivo em uma sede própria com condições adequadas para a preservação da documentação e ao trabalho de pesquisa, declara Ana Lucia Eppinghaus Bulcão (2004)

Aos 28 anos, passou a exercer a função de amanuense, especialidade essa que aos poucos desapareceu do serviço público, com o advento da máquina de escrever e da fotocópia. O amanuense se responsabilizava pela escrita de todos os documentos necessários ao serviço, todos os documentos eram manuscritos. O aparecimento do datilógrafo não fez esse profissional desaparecer de imediato, já que inúmeros documentos, por sua tipicidade ou caráter sigiloso, continuaram a ser manuscritos. Até a contemporaneidade, o acervo documental manuscrito existente nos cartórios e nos arquivos e convive cotidianamente com xerox, fax, computador e internet. É fato que, na atualidade, dificilmente se avalia a importância dos amanuenses e o volume de suas contribuições para as informações que podemos buscar em documentos escritos por eles.

Anterior à função de amanuense, Aureliano Restier Gonçalves trabalhou, entre 1904 e 1909, na administração municipal como extranumerário, exercendo a função de auxiliar de escrita, lotado na Diretoria Geral de Obras e Viação. O memorialista exerceu a função de amanuense na Diretoria de Obras ao longo de quase vinte anos, a transferência dele para a Diretoria de Estatística e Arquivo, ocorrida em 1924, que se deu devido ao reconhecimento pelos superiores do seu empenho e do seu interesse pela pesquisa documental. Cabe ressaltar que Aureliano Restier Gonçalves, foi um autodidata, uma vez que ele concluiu somente o primário na primeira escola em Barra do Pirai, emancipado do município de Pirai em 1890.

Graças ao seu esforço e à sua dedicação, progrediu no funcionalismo, ao mesmo tempo em que se transformava em um estudioso da história da cidade do Rio de Janeiro. Ele se tornou um memorialista da cidade, narrando ao que assistiu e o que lhe contaram, pois, além de familiares e amigos, entre seus contemporâneos, contavam-se os mais destacados cronistas e memorialistas do Rio de Janeiro: Vieira Fazenda, Ferreira Rosa, Mello Morais Filho, Max Fleiuss, Luiz Edmundo, João do Rio, Noronha Santos. Este último foi seu colega e chefe no Arquivo do Distrito Federal. Tal aproximação foi uma convivência muito rica, já que todos eram homens do século XIX que tinham assistido e participado das mudanças políticas, econômicas, sociais e urbanistas da virada do século XX na cidade do Rio de Janeiro, observa Ana Lucia Eppinghaus Bulcão (2004).

3. O jornalista Brasil Gerson

Brasil Gerson era descendente de holandeses e noruegueses, chamado na verdade Brasil Gorresen. Nasceu em 1904, em Santa Catarina, em São Francisco do Sul, e morreu no Rio de Janeiro, em 1981. O livro *Histórias das Ruas do Rio* teve sua primeira edição em 1965 e sua 6ª edição em 2015. O autor trabalhava na quinta edição quando morreu.

Além do livro sobre as ruas do Rio, Brasil Gerson escreveu novelas, peças de teatro e o argumento de filme. Como não poderia deixar de ser, é nome de uma rua na Taquara, em Jacarepaguá, bairro da zona oeste carioca, aponta André Luís Mansur (2000).

Ele também foi escritor, historiador, teatrólogo, crítico e roteirista de cinema sua obra *Histórias das Ruas do Rio* concretiza seu amor pela cidade na qual viveu e morreu, essa obra foi premiada ao lado de *Garibaldi e Anita-Guerrilheiros do Liberalismo*, em 1950 na Academia Brasileira de Letras.

Brasil Gerson, iniciou sua carreira de jornalista ainda jovem de idade no *Jornal de Joinville*, e em 1920 com 17 anos veio para o Rio de Janeiro, na então Capital Federal, na cidade carioca deu início aos seus trabalhos no vespertino Boa tarde. Em seguida, mudou-se para São Paulo, onde atuou como jornalista no *Diário da Noite* e posteriormente passou a ser diretor do jornal. Sua estreia como literário foi escrevendo a novela *Vinte Anos de Circo*, seguida da novela *A Vida Acaba no Meio*. Na função de dramaturgo escreveu a peça *Maldito Tango*, em 1932 em parceria com Jaime Costa, escreveu *Anita* que foi representado no Teatro Dulcina, expõe Hilton Gorresen (2009).

De volta ao Rio de Janeiro, trabalhou no *Diário Associado*, de Assis Chateaubriand. No período do Estado Novo, suas ideias liberais não comungavam com o governo do momento, assim sendo exilou-se na Argentina e posteriormente no Uruguai. Em Montevideu trabalhou no jornal *La Razón*. Foi um grande adversário do nazi-fascismo, e usava como ferramenta a imprensa do Uruguai, da Argentina e do Chile.

Absolvido das acusações no Brasil, volta para o Rio de Janeiro, onde é convidado por Carmem Santos a trabalhar na Brasil Vital Filmes, onde ele escreve argumento para o filme *A Inconfidência Mineira*, que foi dirigido por Humberto Mauro. Através desse trabalho veio seu gosto pela pesquisa histórica, e assim ele registra seu nome nos livros. *A história Popular de Tiradentes; O Ouro, o Café e o Rio; Pequena História da*

Guerra do Contestado; A Revolução de D. Pedro I; O Sistema Político Brasileiro” e o Regalismo Brasileiro, identifica Hilton Gorresen (2009).

Foi introdutor da crônica de cinema na imprensa carioca, o que significa dizer que foi o pioneiro desse gênero no país. Em sua fase política, foi oficial de gabinete do Presidente Café Filho. Apesar de seu espírito batalhador e de sua inquietude intelectual, era tímido, humilde e sóbrio, nunca se preocupou estar diante dos holofotes da fama. (GORRESEN, 2009, p. 01)

O que Brasil Gerson, gostava mesmo era de fazer suas pesquisas e livros, todavia ele deixou sua marca com suas literaturas históricas, especialmente *A História das Ruas do Rio*, que já teve inúmeras edições.

Nesse livro as histórias das ruas do Rio de Janeiro são contadas, através da concepção de suas ruas, dos nomes de pessoas dados a elas e do que acontecia na cidade que foi capital dos pais durante tantos anos. O livro é tão importante culturalmente que a sua narrativa histórica se mistura completamente com a história do Brasil, escreve Hilton Gorresen (2009).

E exatamente isto o que este livro faz. Conta a história da cidade do Rio de Janeiro em seus detalhes, por intermédio dos nomes das ruas, dos personagens históricos que as nomearam, e, não só da cidade, como entrelaça a do Brasil, pois que o Rio foi a capital viva e palpitante do país nos momentos mais importantes no Império e na República, e, política e culturalmente, ainda e o grande tambor, a grande caixa de ressonância dos acontecimentos brasileiros realmente marcantes historicamente. (MANSUR, 2000, p. 01)

Além disso, outro valor de Brasil Gerson que ao contrário como faz a maioria dos historiadores não ficar limitado ao centro e Zona Sul ele vai até a Zona Norte da cidade e a área rural do Rio de Janeiro, contando as histórias dos nomes das ruas, relata André Luís Mansur (2000).

4. O que contam Aureliano e Brasil sobre as ruas do centro do Rio

A cidade do Rio de Janeiro teve seu primeiro assentamento sobre o Morro de São Januário, que posteriormente passou a ser denominado Morro do Castelo, na parte baixa da cidade. À beira do mar, ergueram-se casas e choupanas em uma linha reta, que anos mais tarde recebeu o nome de Rua da Misericórdia, e com o tempo foi florescendo suas rudes construções. A atual não possui mais o traçado original, pois, com o desmonte do morro do Castelo e a demolição nos anos subsequentes de todo o bairro da Misericórdia, a velha rua mudou literalmente de lugar, escreve Brasil Gerson (1965).

Identifica o autor que antes, a Rua da Misericórdia chegava à frente da igreja de São José, passava por “dentro” do atual prédio do Palácio da Justiça. Era uma das ruas “maternas” da cidade, criada logo que a cidade começou a descer do Castelo, e pontilhada de pequenos becos, que demonstravam essa origem ancestral, como o do Guindaste e dos Ferreiros, existente outrora, que foram desaparecendo com o crescimento da cidade. Nesse contexto, a Rua da Misericórdia recebe tratamento urbanístico com o desenvolvimento da cidade.

Esse traçado teve início por uma ladeira. Foi o primeiro ponto de partida dos largos e das ruas da cidade e, nesse espaço, nasceu a Santa Casa de Misericórdia, onde era o largo que os estudantes faziam seus trotes animados. Esses trotes sempre contavam com a presença do francês muito excêntrico de nome Vintini, que por alguns trocados se despia e fazia graças diante do público e, durante as brincadeiras, eram vendidas laranjas pela negra Sabina, que serviam para bombardear “meio mundo”.

Segundo o autor, as ruas dos velhos tempos não foram, evidentemente, traçadas nas plantas, de ponta a ponta, antes que a primeira casa se construísse nelas. “Na verdade, improvisavam-se de acordo com as necessidades imediatas da cidade em expansão lenta, sem calçamento, e nem sempre em linha reta”. (GERSON, 1965, p. 19)

Aureliano Restier Gonçalves (2004) observa que o povoado do Rio de Janeiro ao descer do morro do Castelo para a várzea, antes mesmo de sua derrubada, acendeu canais para enxugar brejos e desenvolveu uma passagem bem à beira-mar. Essa passagem nasce desde o dito morro até o de São Bento, e a abertura na direção do interior da terra, que procurava desbravar outros espaços na cidade. E assim foram abrindo alguns caminhos, estreitos e retos, até encontrar o fosso – Rua Uruguaiana –, que corria do norte para o sul, onde parou o desbravamento desses poucos habitantes que viviam na cidade. E nesse contexto, foram levantadas construções comerciais e criou-se um centro urbano de vida comercial, que fez a cidade carioca prosperar.

A área comercial, descreve Aureliano Restier Gonçalves (2004), surge na parte que abarcava a velha Sebastianópolis, e compreendia a área da faixa marítima até a Rua Uruguaiana, por onde corria o fosso. A faixa marítima sofreu tantas alterações que se tornou impossível reconstituir os antigos aspectos com rigor, onde o solo era arenoso e cheio de sambaquis. Na faixa, que compreendia Santa Luzia até São Bento, se encontrava a chamada marinha da cidade, em que foram abertas novas vias

públicas e com elas vieram às edificações comerciais e moradias. Das ruas que se constituíram no entorno da antiga marinha da cidade, podemos citar o Rossio do Carmo, a Ribeira do Mar, a Rua Direita, como também, o Arco do Teles e o Beco dos Adelos.

No Rossio do Carmo, o primeiro espaço público da cidade, era destinado para recreio dos moradores, e mesmo com a formação de outros, ainda era considerado o mais belo. E nesse espaço, atual praça XV, constituíram-se as primeiras tabernas e outras casas para o comércio de bebidas e comestíveis. Logo, o Largo do Paço, foi um aglomerado de aventureiros de várias partes do mundo por ser uma aprazível avenida.

Nessa Babel formigava gente de toda a parte do mundo. Os prazeres nos mais feios vícios e os sofrimentos nos maiores males morais e físicos fizeram-se pela cidade, trazidos pelos aventureiros que aportavam no Rio de Janeiro. O antigo largo do Paço, atual Praça Quinze de Novembro, pela sua situação à beira-mar, olhando o oriente, oferece descortino interessante e pitoresco e é ainda aprazível logradouro. (GONÇALVES, 2004, p. 166)

A Ribeira do Mar era constituída de uma parte natural e outra artificial, que formava à margem da antiga praia ou marinha da cidade, e, futuramente, tornou-se uma nova praia desde a Misericórdia até São Bento. A parte de um fragmento da nova via, que o povo apelidou Ribeira do Mar, era o espaço da feira, onde se ajuntavam os mercadores e amparava toda a gente da cidade e do Recôncavo para comprar e vender.

Na Ribeira ficavam as bancas do pescado e as das hortaliças, as barracas dos estrangeiros, dos moleiros, dos oleiros: as tanoarias e as tendas de víveres e de licores. Enfim, declara Aureliano Restier Gonçalves (2004) que a Ribeira do Mar ou Praia do Peixe, como veio a se chamar depois, era o mercado da cidade, em que a erva, o azeite, o artigo mais procurado, e o açúcar, eram comercializados. Por muitos anos, parte da Ribeira chamou-se passagem de Gonçalo Gonçalves, por conta do nome de um grande comerciante de azeite que comerciava nessas cercanias. “Essa pequena via pública entrou na formação da Rua do Sabão, depois General Câmara, trecho desde a Candelária até a Rua Primeiro de Março”. (GONÇALVES, 2004, p. 166)

Com o tempo, foram acrescidas outras ruas, e o público passou a denominar esse conjunto de Praia da Marinha Nova ou Rua Fresca, e assim, a Ribeira ganhou novos aspectos. Com a construção e inauguração do Mercado Municipal e a antiga Rua da Praia do Peixe, que passou a se chamar Rua do Mercado, desapareceu a tradicional Praça da Praia do

Peixe, espaço de antigos e curiosos costumes da velha Sebastianópolis, conforme afirma Aureliano Restier Gonçalves (2004).

De acordo com Brasil Gerson (1965), a Rua Direita, atual Rua Primeiro de Março, que recebeu esse nome em função do término da Guerra do Paraguai, teve o primeiro bar e confeitaria ao ar livre, o passeio asfaltado e arborização e uma confeitaria muito famosa de nome Carceler, pertencente a uma viúva de mesmo sobrenome. “Na Rua Direita, no dia 12 de agosto, realizava-se, com uma grandiosidade desconhecida hoje, uma das mais curiosas festas religiosas cariocas, instituída em 1845: a do Senhor Desagravado e Nossa Senhora da Piedade”. (GERSON, 1965, p. 27)

A Rua Direita também teve a primazia na melhoria do aspecto arquitetural das casas, que eram verdadeiros caixões, a guisa de fortalezas medievais. Segundo o plano organizado na municipalidade, e já em execução em 1870, na Rua Direita, as fachadas dos prédios nessa via pública tiveram realce com as ornamentações introduzidas, predominando o pitoresco e a fantasia individual. (GONÇALVES, 2004, p. 170)

Descreve Brasil Gerson (1965) que, segundo Max Leclerc, um estrangeiro que visitou a cidade, ao percorrer a Rua Direita, se tinha a impressão de estar em um pedaço de Londres ou sob o céu do Egito, algo à moda oriental, e que para o viajante francês, ela era também a cara da Saint Honoré, em virtude das grandes casas comerciais que abrigava. A Passagem ou Arco do Teles, observa o autor, que teve como nome inicial Passagem Lapa dos Mercadores, codinome dado pelo fato do o juiz Teles de Menezes residir na mesma, e nela tinha um prédio em forma de um arco. Enfim, a rua teve seu nome associado ao juiz e ao prédio existente no espaço.

Tal recinto também foi conhecido como estância dos Mercadores e, tempos depois, ficou conhecida como travessa do Comércio. Em seu entorno, ficavam a Rua Direita e Praia do Peixe, que foram considerados lugares notáveis na cidade do Rio de Janeiro, em virtude da movimentação de pessoas e do comércio, declara Brasil Gerson (1965).

Identifica o autor que a velha cidade de São Sebastião continuava crescendo no decorrer do século XIX e os idealizadores presavam cuidados pela arte, bom gosto e conforto nos modelos de edificações e nos espaços de circulação dos transeuntes. Nesse contexto, surgem o Largo da Misericórdia e o Arco do Catumbi, em que o primeiro dava acesso para o fundo do hospital Santa Casa de Misericórdia e o segundo servia de trânsito de pedestres e passagem de um cano com água potável, que vinha do

alto da montanha para abastecer os moradores do bairro de Catumbi. O Largo da Carioca foi considerado uma obra monumental da cidade, que serviu para acesso dos moradores e cargas ao bairro de Santa Tereza com a passagem dos bondes elétricos, que facilitou o deslocamento.

A Rua do Ouvidor, “Um arenoso e estreito caminho do mar ao fosso, aberto pelos primeiros povoadores do Rio de Janeiro, dando vida à incipiente cidade” (GONÇALVES, 2004, p. 172). A Rua do Ouvidor ganhou esse nome por ter como morador, na quarta década do século XVII, o ouvidor da comarca Dr. Manoel de Amaro Pena de Mesquita Pinto. O autor indica que outro ouvidor de nome Francisco Antônio Berquó da Silveira Pereira, também residiu nessa rua. Primitivamente, a rua se chamava Aleixo Manoel, em homenagem a um morador da cidade, que lutou bravamente contra os tamoios e tinha grande habilidade com as armas, além de acumular funções de cirurgião e vereador da cidade carioca, de acordo com Brasil Gerson (1965).

Aureliano Restier Gonçalves (2004), aponta que no século XIX, já conhecida de fato como Rua do Ouvidor, foram feitas obras de calçamentos, preparo do solo, e os prédios apresentam novas fachadas e com mais altura do que os demais da cidade de São Sebastião. E não tardou para que surgissem os ateliers de moda, as livrarias, alfaiates e lojas de calçados inglês. Cabelereiros e tipografias faziam parte do cenário da Rua do Ouvidor, e todos os serviços que nela existiam atraíam milhares de pessoas que transitavam durante o dia pela rua e, nesse contexto, ela foi talvez o maior shopping a céu aberto da cidade. A mesma perdeu seu *glamour* com a inauguração da Avenida Central, atual Avenida Rio Branco.

Neste ambiente movimentado na Rua do Ouvidor, a passagem de veículos era proibida em horário pré-estabelecido por conta do trânsito de pessoas. Ao final do século XIX, a Rua do Ouvidor concentrava a cultura, elegância e luxo da cidade, e também era uma espécie de "Clube ao ar livre", onde a sociedade se encontrava, de forma que se poderia dizer que esta rua teria sido o primeiro "Shopping Center" do Brasil. Os políticos e intelectuais frequentavam, principalmente os cafés, as livrarias e as redações dos jornais, cujas sedes lá se instalavam, como expõem Brasil Gerson (1965) e Aureliano Restier Gonçalves (2004).

Em 1862, segundo a Revista Popular, de 15 de novembro do dito ano, já se calculava em sessenta mil o nº de pessoas de todas as classes, sexos e idades que transitavam pela Rua do Ouvidor, durante as dezesseis horas de um dia. A partir de 1867, ficou proibida a passagem de veículos pela Rua do Ou-

vidor, desde 9h da manhã até às 10 da noite, por ser grande o trânsito de pessoas. (GONÇALVES, 2004, p. 174)

Descreve o autor que nessa ambiência histórica sobre a Rua do Ouvidor, era comum ler as notícias recém-chegadas em murais nas portas das redações, assim como comprar os jornais recém-saídos das mãos dos vendedores de jornais que circulavam nas vias, pois algumas quantidades eram disponibilizadas para os vendedores ambulantes a fim de vendê-los aos passantes pelas ruas da cidade.

Ao findar do século XIX, num memorial apresentado à municipalidade, a propósito de costumes e melhoramentos da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, a Rua do Ouvidor aparece como instituição quase universal, representando a concentração da nossa cultura, elegância e luxo. (GONÇALVES, 2004, p. 174)

A rua era conhecida como beco do luxo, ou seja, espaço de concentração da elite que contava com artigos de luxo e passava as tardes nas confeitarias. Era o trecho entre o Largo de São Francisco e a Rua dos Ourives, atualmente, chamada de Rua Miguel Couto.

Com a abertura dos portos do Brasil ao comércio internacional, ingleses e franceses, mais do que outros estrangeiros, logo se estabeleceu entre nós, os primeiros como importadores ou atacadistas, os segundos como varejistas também, especializados em cambraias, sedas, chapelaria, barretes de seda e algodão, perfumes, objetos de modas e fantasias, joia, alfaias, cabelereiros, sorveteiros, doceiros e etc.[...] e desde aí uma outra vida principiou para Rua do ouvidor (GERSON, 1965, p.64).

Segundo Aureliano Restier Gonçalves (2004), a travessa do Ouvidor, primitiva Rua das Flores, que ligava ao caminho dos frades do Carmo a atual Rua Sete de Setembro, era conhecida como Rua Nova do Ouvidor. Essa rua teve seus habitantes e comerciantes na maioria negros, que viviam seminus pela rua. Eles eram fabricantes de cestos de pescaria durante o dia, e passavam a noite em festejos até alta madrugada. Com o crescimento da cidade, a rua sofreu grande modificação, com a adoção de medidas de higiene e moralidade, e com isso chegaram os aterros, calçamentos e edificações de alvenaria, especialmente, estilos sobrados.

Percebemos que a constituições das ruas da cidade carioca marcaram grupos sociais diferenciados, bem como comércios, que atendiam as mais diversas classes sociais do Rio de Janeiro. As formações destas ruas nasceram de uma necessidade da cidade se expandir e de atender o interesse de uma sociedade, que necessitava de acesso aos bens públicos, culturais e sociais, além de garantir a sobrevivência desses homens e mulheres, que viviam em meio a terrenos alagadiços.

5. *Considerações finais*

Considerando que a rua é um espaço público, que estimula a cultura urbana e a criação de cidadania, e é, também, a demonstração livre dos direitos dos cidadãos, dos experimentos que proporciona e dos valores que protege. A multidisciplinaridade, citada no corpo desse texto, no que se refere à rua, completa e fortifica as relações humanas, a qualidade de vida e a representação da cidade na memória do indivíduo, uma vez que a cidade é um lugar onde se criam memórias, que vão desde grandes eventos que marcam a cidade a detalhes que só são possíveis, em virtude das inter-relações das pessoas, das culturas e conjunturas, onde todos se sentem como parte dela.

E nesse construto as obras citadas nesse artigo, devem ser investigadas por entusiastas pela história da cidade do Rio de Janeiro e da gente carioca, pois, as mesmas trazem uma inegável lição para todos os que se preocupam com a preservação da memória. Jacques Le Goff (2003, p. 471) acrescenta que “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”. Assim sendo, a memória é um fenômeno edificado. Ela armazena, preocupa, exclui, registra e relembra, serve como um aparelho para que estudiosos busquem evidenciar fatos de um dado momento e dos espaços de uma cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BULCÃO, Ana Lucia Eppinghaus. Um perfil de Aureliano Restier Gonçalves. In: GONÇALVES, Aureliano Restier. *Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro: terras e fatos*. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro / Divisão de Pesquisa, 2004, [p. 19-12 não numeradas].

GERSON, Brasil. *Histórias das ruas do Rio*. 4. ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1965.

GONÇALVES, Aureliano Restier. *Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro terras e fatos*. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro / Divisão de Pesquisa, 2004. Disponível em:

<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204430/4101442/sao_sebast_rj_terras_fatos.pdf>.

GORRESEN, Hilton. Brasil Gerson: um jornalista de dois mundos. *Recanto das Letras*, 08/08/2009. Disponível em:

<<http://www.recantodasletras.com.br/homenagens/1743386>>. Acesso em: 12-05-2017.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo: Unicamp, 2003.

MANSUR, André Luís. O jornalista Brasil Gerson ampliou e reviu sua obra até morrer em 1981. *O Globo*, caderno "Prosa & Verso" de 09/12/2000. Disponível em:

<<http://criticasmansur.blogspot.com.br/2009/04/livro-que-decifra-as-ruas-e-relancado.html>>. Acesso em: 12-05-2017.